

ENTESOURADOS: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO DO ACERVO ICONOGRÁFICO DAS FAMÍLIAS PARANAENSES

Modalidade de trabalho: Pôster

Memória, no senso comum, refere-se à capacidade de lembrar-se de eventos passados. No dicionário on-line Michaelis, o primeiro verbete reza: “faculdade de lembrar e conservar ideias, imagens, impressões, conhecimentos e experiências adquiridos no passado e habilidade de acessar essas informações na mente”.

O pesquisador Michael Pollak (1992, p. 201), em sua obra *Memória e Identidade Social*, amplia a diferenciação da memória individual da coletiva dizendo:

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

Carvalho (2012) diz, apoiando-se em Pierre Nora, que a teia da memória está esgarçada e que é vital a preservação. Com a democratização dos assuntos abordados pela história e pela revolução no que é considerado documento, expandiu-se enormemente o volume de material, tornando impossível que tudo seja abordado completamente pela Memória Coletiva ou pela Memória Individual para que seja visitada pelos historiadores.

Diante dessa realidade, Carvalho (2012) aponta que todos tornaram-se “historiadores de si mesmos”, com a tentativa de preservar o que sobrou em álbuns fotográficos de seus antepassados, criação de genealogias e o dever de ser um guardião das lembranças. Dentro deste contexto encontra-se o acervo, criado pela necessidade de guardarmos a memória que desaparece, sendo esta algo que precisamos e queremos nos lembrar, mas na verdade é a “constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar”.

Essa é uma tendência de valorizar a memória particular como forma de incentivar a memória do coletivo, oferecendo ambas ao uso da História. Mais especificamente, como esclarece Barros, preservar a memória familiar é garantir a perpetuação da história.

Transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem, referida, ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar. A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas (BARROS, 1989, p.33-34).

A memória familiar, sem deixar de ser particular e reforçar os laços de união e pertencimento, passa a ser compartilhada para a coletividade. “A fotografia de família não é somente uma motivação para aflorar saudades e pesares, é também um conjunto de regras visuais que moldam nossa experiência e memória” (MAUAD, 2008, p. 63 *apud* LIMA, TONON E NAHIRNE, 2016, p.169).

Os acervos familiares comportam uma série de outros documentos. Além da iconografia familiar, estão presentes os santinhos, receitas, cartões, convites, cartas, móveis,

medalhas etc. (BARROS, 1989, p. 37), mas o maior destaque são os álbuns de retratos (BARROS, 1989, p. 34). Esse é o primeiro acervo a ser levantado pela pesquisa.

A iconografia não é estranha à prática da história. Desde o século XIX a fotografia faz parte da realidade, especialmente das abastadas famílias oitocentistas quando fotografar tornou-se um hábito (PELEGRINI e TEIXEIRA, 2007). “As fotografias são consideradas registros de histórias contadas em pequenos fragmentos. Na avaliação de Burke (2001), o aumento de uso desses recursos e de outras imagens pode enriquecer muito o conhecimento e a compreensão do passado.” (NOVAIS e NAGABE, 2010, p.3)

Pelegrini e Teixeira (2007) também enfatizam os potenciais da fotografia como fonte histórica.

A fotografia constitui um meio de evocar ausências, apresentar e representar eventos, sensações não mais experimentáveis diretamente. Ela pode ser considerada um instrumento de conhecimento capaz de permitir que vejamos o próprio mundo e nos tornemos aptos a interpretá-lo (p. 1-2).

A pesquisa pode ser caracterizada como quali-quantitativa, visto que esta sendo feito, além da estimativa de quantidade de fotografias, e outros documentos por tamanho, realiza-se uma avaliação qualitativa da relevância histórica e a qualidade percebida da conservação dos objetos.

Esta pesquisa está sendo desenvolvida em jovens municípios com menos de 100 mil habitantes no interior do Paraná, carentes de instituições culturais ou qualquer movimento relacionado à memória, patrimônio ou da própria historiografia. Levantar o acervo histórico pertencente as família dos pioneiros, muitos deles ainda vivos, é vital para preservação da memória e escrita da história.

Com incentivo do PROFICE – Lei Estadual de cultura do Paraná a pesquisa está nas suas fases finais. A identificação desse acervo é realizada para que proporcione um processo de digitalização desse acervo e disponibilização do mesmo para a sociedade por meio de uma plataforma de gerenciamento e catalogação de documentos e hospedagem de processos museológicos m todo o estado.

Referências.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989, p. 29-42.

CARVALHO, Naor Franco de. **O Acervo a Serviço da Memória**. In: IX SEPECH-SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 2012, Londrina. IX SEPECH, 2012

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia científica: ciência e conhecimento**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4ª Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MAUAD, Ana Maria. **ATRAVÉS DA IMAGEM: FOTOGRAFIA E HISTÓRIA INTERFACES**. Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf>. Acesso em 20 set. 2016.

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PELEGRINI, Sandra de Cássia A. e TEIXEIRA, Joubert Paulo. **Os conceitos de imagem e realismo fotográfico na pesquisa histórica**. UNICAMP-CAMPINAS, artigo eletrônico, n. 2711, 2007. História. Disponível em: <<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores &id=38>>. Acesso em 20 set. 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.